



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

EUA reforçam tropas

Trump manda 2,5 mil fuzileiros e três navios de guerra ao Oriente Médio, em novo sinal de prolongamento da guerra

Quatro dias depois de afirmar que os Estados Unidos já ganharam a guerra contra o Irã “na primeira hora”, o presidente Donald Trump autorizou o envio de mais tropas e navios de guerra para o Oriente Médio, informaram veículos de imprensa do país. O *Wall Street Journal* ouviu de autoridades norte-americanas que o “USS Tripoli”, baseado no Japão, já se dirigia ontem à região, enquanto o jornal *The New York Times* informou que três navios estão a caminho, com pelo menos 2,5 mil marines. O número de militares foi confirmado pela CNN, que revelou se tratar de uma Unidade Expedicionária de Fuzileiros Navais, normalmente formada por essa quantidade de marinheiros. O *Wall Street Journal* destacou que a solicitação de fuzileiros navais adicionais foi feita pelo Comando Central dos Estados Unidos, responsável pelas tropas do país no Oriente Médio, e aprovada pelo chefe do Pentágono, Pete Hegseth. Já há marines na região apoiando as operações contra o Irã, acrescentou o jornal. Nos últimos

dias, o governo dos EUA tem se recusado a descartar a possibilidade de ampliar a guerra com uma invasão por terra, em mais um sinal contraditório sobre a real situação da campanha do país e de Israel contra os inimigos persas. Os ataques ao Irã completam hoje 15 dias, com o regime dos aiatolás ainda no poder, mesmo depois da morte do então líder supremo, Ali Khamenei, e resistindo, com ataques aos países vizinhos que abrigam bases militares dos EUA e fechamento do estratégico Estreito de Ormuz. Trump segue dando declarações desencontradas, ora proclamando vitória e prevendo fim iminente do conflito, ora sustentando que ainda há trabalho a ser feito e sinalizando que a guerra pode continuar por tempo muito mais longo.

Derrubada improvável

Ontem, o presidente dos EUA deu a entender, em entrevista à Fox Radio, que desistiu de ver iranianos depondo o regime teocrático dos

aiatolás. Em 28 de fevereiro, quando anunciou o início da agressão ao Irã, Trump incitou os moradores do país a tomarem prédios públicos e assumirem o poder. Na fala dessa sexta-feira, contudo, reconheceu que eles têm uma “grande barreira” para superar — a reação armada do regime — e que, no fim das contas, estão sozinhos para tentar, e sem armas. Ainda ontem, o Comando Central dos EUA informou que os seis tripulantes de um avião de reabastecimento usado na guerra contra o Irã que caiu no Iraque, ainda sem causas informadas, morreram. Isso levou o número de militares norte-americanos mortos no conflito a ao menos 13. O Departamento de Estado, por sua vez, anunciou que está oferecendo US\$ 10 milhões (algo como R\$ 53 milhões) por informações sobre 10 autoridades iranianas, inclusive o novo líder supremo do país, aiatolá Mojtaba Khamenei, assim como comandantes da Guarda Revolucionária Islâmica, o exército ideológico, a principal força militar e política do Irã.



Iraniana exhibe foto do aiatolá Mojtaba Khamenei: Washington oferece US\$ 10 milhões por informações

CUBA

Havana admite negociação com Washington



Miguel Díaz-Canel confirmou o diálogo durante reunião de gabinete

Alvo de forte pressão e de reiteradas ameaças por parte dos Estados Unidos, Cuba está dialogando com o governo do presidente Donald Trump. As negociações foram confirmadas, ontem, pelo líder cubano Miguel Díaz-Canel, em meio a uma das piores crises econômicas e energéticas desde os anos 1990. “As conversas foram orientadas a buscar soluções, por meio do diálogo, para as diferenças bilaterais que temos entre as duas nações”, assinalou, em uma reunião com as principais autoridades do país, segundo imagens exibidas pela televisão cubana. As declarações de Díaz-Canel confirmam o que Trump afirmou em janeiro, quando indicou que seu governo conversava com

autoridades de alto escalão na ilha caribenha. O presidente norte-americano não esconde o desejo de uma mudança de regime em Cuba. Para a Casa Branca, o país representa uma “ameaça excepcional”, principalmente por suas estreitas relações com a Rússia, a China e o Irã. Nas últimas semanas, o magnata republicano instou Havana a “chegar a um acordo” ou enfrentar as consequências. A ilha enfrenta uma crise energética que praticamente paralisou sua economia depois que Washington cortou o fornecimento de petróleo da Venezuela e ameaçou impor sanções a outros países que lhe vendem combustível. “Funcionários cubanos mantiveram recentemente conversas

com representantes do governo dos Estados Unidos”, disse Díaz-Canel na reunião. Ele destacou que essas conversas são facilitadas por “fatores internacionais” que não especificou. Segundo imagens da televisão, entre os líderes na primeira fila estava Raúl Guillermo Rodríguez Castro, neto do ex-presidente Raúl Castro (2006-2018), que, apesar de não ocupar nenhum cargo no governo, foi mencionado pela mídia norte-americana como interlocutor do secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, no contexto de conversas secretas com Cuba. Na noite de quinta-feira, Havana anunciou a libertação em breve de 51 prisioneiros sob a intermediação do Vaticano, o

histórico conciliador entre Cuba e Estados Unidos. A presidente do México, Claudia Sheinbaum, que enviou recentemente a Cuba mais de 2 mil toneladas de ajuda humanitária para enfrentar a crise, comemorou a notícia. “O México sempre vai promover a paz e o diálogo diplomático e, em particular, diante dessa injustiça que tem sido cometida há muitos anos contra o povo de Cuba com o bloqueio”, disse, em sua coletiva de imprensa diária. Um comboio internacional que chegará a Havana em 21 de março e conta com o apoio da ativista climática Greta Thunberg transportará “mais de 20 toneladas” de alimentos e medicamentos.

Conexão diplomática



silvioqueiroz.df@gmail.com

Guerras no caminho da visita a Trump

Ficou para abril, talvez, o esperado encontro de Lula com Donald Trump, nos EUA. Pesou para o adiamento da viagem não apenas o conflito que se alastra no Oriente Médio. Na agenda da Casa Branca, consta outra guerra, essa nas vizinhanças: a ofensiva contra o narcotráfico e o crime organizado na América Latina. Foi ela, justamente, o tema do recente encontro de Trump com um grupo de governantes da região. Sintomático que o Brasil não tenha sido convidado, embora Washington não faça segredo sobre os planos de listar oficialmente

como “terroristas” facções como PCC e Comando Vermelho. Mais até que a ofensiva militar contra o Irã, coordenada com Israel, é a chamada “guerra às drogas” que ronda os contatos bilaterais. Com impacto direto — e esperado — sobre a campanha pelo Planalto, opondo o Lula da “química” ao clã Bolsonaro, que adotou o boné da Maga trumpista.

Uns para lá...

A lista dos convidados à cúpula do Escudo das Américas, no último fim de semana, contemplou a

nata da direita pró-Trump. Ao lado do salvadorenho Nayib Bukele e de outros presidentes centro-americanos, a porção sul do continente foi representada pelo argentino Javier Milei e pelos colegas de Bolívia, Equador, Paraguai e Chile. Além de Lula, ficaram sem convite Claudia Scheinbaum (México), Gustavo Petro (Colômbia) e Delcy Rodríguez (Venezuela).

...outros para cá

De olho no quarto mandato, o Planalto colhe ao menos uma novidade favorável na vizinhança mais próxima, depois de seguidas vitórias da direita. O Pacto Histórico, de Petro, saiu-se bem nas eleições legislativas do último fim de semana e emerge como principal força do Congresso colombiano. Bons ventos para Iván Cepeda, candidato da esquerda à sucessão

do presidente, impedido por lei de disputar a reeleição. De azarão, o atual senador, filho de um candidato presidencial assassinado nos anos 1990 por esquadrões da morte da ultradireita, passa a favorito — com chances de liquidar a fatura já no primeiro turno, em maio.

Saia justa

Foram cálculos eleitorais, principalmente, que balizaram a decisão de Lula de faltar à posse do novo presidente chileno. Antonio Kast, além de trumpista, é defensor explícito da ditadura do general Augusto Pinochet — o primeiro do seu campo político a chegar ao Palácio de La Moneda desde a redemocratização, em 1990. Em especial, incomodou a presença, em Santiago, do senador Plávio Bolsonaro, desde logo perfilado como o grande rival nas urnas, em outubro.

É a economia

Urgências diplomáticas condicionam e delimitam as colocações do Planalto e do Itamaraty sobre a guerra no Oriente Médio. Mas os desdobramentos econômicos do conflito pressionam diretamente o horizonte eleitoral. A disparada nas cotações internacionais do petróleo chegou às bombas de combustível veloz e letal como um míssil hipersônico. Com um olho nas pesquisas e outro nas contas da Petrobras, o governo correu para anunciar medidas compensatórias. Em especial, para segurar o preço do diesel, que contagia como um vírus a prateleira dos supermercados e as bancas de feira — sobretudo, nos alimentos. A mesa e o bolso são dois dos cabos eleitorais mais eficazes, aqui e pelo mundo afora.

Ainda a economia

É no mesmo terreno que a guerra repercute sobre os arranjos geopolíticos — para todos os lados. De olho nas eleições de novembro para a renovação da Câmara (total) e do Senado (parcial), Trump vem de aliviar as sanções impostas às exportações de petróleo da Rússia desde que Vladimir Putin invadiu a Ucrânia, em 2022, ainda com Joe Biden na Casa Branca. A iniciativa rendeu críticas dos aliados europeus, que apoiam o governo de Kiev. Mas agradeu a Índia, que importa e revende (com lucro) o óleo de Moscou. E, segundo a mesma ordem de conveniências, se resguarda de solidariedade explícita ao Irã, sócio no Brics. O bloco emergente, por sinal, desconfia sobre o conflito no Oriente Médio. Quando muito, faz coro com a “turma do deixa-disso”.